

Orquestra Gulbenkian

James MacMillan

Workshop de composição
Voz e Orquestra



02 jul 26

02 jul 26 QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

James MacMillan Maestro

Cecília Rodrigues Soprano

Andrea Conangla Soprano

André Henriques Barítono

James MacMillan

The Death of Oscar

c. 10 min

Rúben Dias

Primeiro os olhos

c. 7 min

Luís Oliveira

Dream-Entangled

c. 8 min

António Narciso

Where my pitches at?

c. 5 min

Rose Roberts

Roar of Hope

c. 8 min

David Teixeira da Silva

e só arder

c. 7 min

Ana Roque Antunes

In God Alone

c. 6 min

James MacMillan

Eleven

c. 5 min

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 80 MIN
CONCERTO SEM INTERVALO

James MacMillan

The Death of Oscar

Concluída em 2012 e estreada em 2013, em Estugarda, a obra *The Death of Oscar* (“A Morte de Oscar”) é um curto poema sinfónico que se inspira na lenda do poeta bardo Ossian e na morte do seu filho Oscar. Nas lendas de Ossian, Oscar desafiou o Grande Rei Cairbre para um combate singular e, embora vitorioso, morreu devido aos ferimentos e foi chorado pelo seu pai e pela sua amada. Estas histórias, recolhidas por James MacPherson em antigos contos populares, no século XVIII, são debatidas quanto à sua autenticidade, no entanto exerceram grande influência na perceção da cultura escocesa e celta, particularmente no estrangeiro – tendo sido admiradas por figuras políticas como Napoleão ou Thomas Jefferson e inspirado autores românticos como Felix Mendelssohn ou Goethe.

Eleven

Ao longo das décadas, várias peças musicais foram inspiradas pelo desporto, em particular pelo futebol. Esta breve abertura de concerto [escrita em 2020 e estreada em Antuérpia em 2022] é mais uma delas, inspirada especialmente pelas equipas locais de East Ayrshire, na Escócia, onde cresci. Aliás, a obra é dedicada aos adeptos de cinco equipas da região. Onze é o número de jogadores numa equipa e é o número que molda muitas das escolhas musicais aqui: temas compostos por onze notas, acordes com onze alturas, durações de onze unidades e assim por diante. A peça começa com o som do apito de um árbitro, antes de dois temas de onze notas serem alternados entre os instrumentos de sopro e as cordas, como se fossem duas equipas adversárias. Gradualmente, começam a surgir melodias apropriadas como cânticos típicos de futebol, sempre sustentadas por uma energia física inquieta.

JAMES MACMILLAN

Rúben Dias

Rúben Dias é um compositor, fotógrafo e investigador português. É mestre em Composição pela ESMAE (Porto), onde concluiu o projeto de investigação “Ser-se nuvem: para uma relação entre música e fotografia”, sob a orientação de Rui Penha. A sua principal área de interesse incide na relação entre a música e a fotografia, investigando o tempo como eixo fundamental na criação de significado(s). Como compositor, participou recentemente no Laboratório de Criação de Ópera Contemporânea III (Inestética), sob a orientação musical de Carlos Marecos. Participou também nos Jovens Compositores 2024 (Estúdios Victor Córdon) e recebeu encomendas da Antena 2/RTP para o Prémio Jovens Músicos, e da Orquestra Clássica do Centro. Como investigador, foi bolseiro do projeto Synth - Sintetizador Espacial. Durante esta bolsa, estreou “Production [...]” para piano, E-Bows e eletrónica ao vivo, no Teatro Helena Sá e Costa, no Porto. Como intérprete, é improvisador de música eletrónica e cofundador da RUMOR, um coletivo cultural sediado no Porto e dedicado à divulgação e criação de música contemporânea. Licenciou-se na ESMAE, tendo estudado com Carlos Azevedo, Dimitris Andrikopoulos e Ângela da Ponte e está atualmente a frequentar o Mestrado em Ensino de Música (Composição), na ESML, sob a orientação de Luís Tinoco.

Primeiro os olhos

Quando pedi à Inês Francisco Jacob que me escrevesse um pequeno poema para musicar, a sua primeira pergunta foi se tinha alguma ideia do que queria ou se tinha algumas luzes relativamente à música que ia escrever. Disse-lhe apenas que o que me encantava no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian era ver os painéis do fundo da sala a abrir lentamente, revelando o verde das folhas das árvores contrastando com a cor da madeira. A sua resposta: “Primeiro os olhos / De seguida todo o corpo / Por fim as mãos”. Agradeço-lhe profundamente a disponibilidade.

Luís Oliveira

Luís Gaspar Guimarães de Oliveira (n. 2003) é um jovem compositor bracarense que procura o ecletismo como marca expressiva da sua linguagem musical. Para além da composição, demonstra grande interesse pela execução e pela improvisação, mantendo uma relação ampla e prática com a música. Iniciou os estudos desde cedo no piano e mais tarde estudou cravo. Desde os dez anos, explora de forma autónoma a criação musical. Em 2021, concluiu o Curso Secundário de Música, variante de Composição, no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, onde estudou com Paulo Bastos e Pedro Lima. Frequenta atualmente o Mestrado em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Luís Tinoco, tendo também trabalhado com João Madureira e Carlos Caires. Frequentou ainda *masterclasses* e aulas com Valerio Sannicandro, Luigi Abbate, Fabio De Sanctis De Benedicti, e Michele Tadini. As suas obras foram apresentadas em Braga, Guimarães, Porto e Lisboa. Em 2025, participou no *workshop* Jovens Compositores, nos Estúdios Victor Córdon, onde desenvolveu várias composições, entre as quais uma pequena ópera e pequenas peças em colaboração com coreógrafos e bailarinos. A sua peça *TENONES 38* recebeu menção honrosa no CAMTA Two-Piano Composition Contest, em Chicago. Mais recentemente, recebeu uma encomenda da Antena 2 / RTP para uma peça para vibrafone solo, no contexto do Prémio Jovens Músicos 2026, a qual foi interpretada na Casa da Música e será transmitida via rádio pela Antena 2.

Dream-Entangled

Dream-Entangled (Sonho-Emaranhado) é uma canção que nos faz refletir sobre o mundo a que queremos estar verdadeiramente ligados – aquele que ainda nos diz muito como seres humanos. Esta canção dá voz a uma “narradora” que exprime talvez um desejo, descreve uma realidade, ou vive um sonho de partilha com o mundo natural. Há algo de onírico e misterioso no atravessar de um limiar. Este dá entrada para um mundo em que nos deixamos levar pelo emaranhado hipnótico e visceral da natureza. Conforme o desenrolar da música, a calma e quietude inicial dão lugar à euforia do vício pelo esplendor da flora, amplificada por fortes e súbitos gestos orquestrais. A decisão de combinar os versos de Fernando Pessoa e de Mathilde Blind foi sugerida pela ideia de uma possível transição da perda de identidade (característica de Pessoa) para a absorção ou diluição na natureza (típica do panteísmo de Blind). E, tal como existe um entrelaçar da narradora com a natureza, a voz e a orquestra contagiam-se uma à outra numa intensa plasticidade sónica. A canção coloca-nos a seguinte interrogação: o que pode haver de tão feio neste mundo para a natureza nos parecer pouco mais do que um sonho?

*It was somewhere secluded
In silence and moon.
All like a lagoon.
No cares there intruded
Save the vague wind's swoon.*

The waters were weedy

*We let the hand wander
In the water unseen.*

*There we lost the spirit
Of our still being we.*

*Tall ferns, washed down in sunlight,
Beckoned with fingers green;*

*They sighed, they sang so softly,
They stretched their arms to me;*

Foi num lugar escondido
Em silêncio e lua.
Como uma lagoa.
Sem um cuidado ali intrometido
Exceto o vago langor do vento.

As águas eram turvas

Deixamos a mão vaguear
Nessa água não vista.

E aí perdemos o sentido
De ainda sermos nós.

Fetos altos, banhados pela luz do sol,
Chamavam-me com verdes dedos,

Suspiravam, cantavam tão docemente,
Estendiam os seus braços para mim;

António Narciso

António Narciso (n. 2004) é um compositor e pianista que explora a interseção entre a composição, a performance e a colaboração interdisciplinar. Em 2025/26, iniciou o mestrado em composição no Conservatório de Amesterdão, sob a orientação de Richard Ayres e Maya Verlaak, apoiado por uma bolsa Gulbenkian. Concluiu anteriormente a licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Vasco Mendonça, Ana Seara e Sérgio Azevedo, e estudou piano paralelamente à licenciatura, sob a orientação de Artur Pizarro. Atualmente, o seu foco artístico está em criações interdisciplinares, misturando composição com improvisação, dança e teatro.

Where my pitches at?

Where my pitches at? Onde é que estão as minhas notas??? A soprano está em frente à orquestra à procura de notas para cantar. Mas logo que apanha a nota de algum instrumento é confundida pelo resto da orquestra. Entre momentos de sintonia e confusão, desenha-se a história desta voz que quer muito muito cantar com todos estes fantásticos instrumentos no belo, bom e verdadeiro auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Será que lhe vão satisfazer a vontade? O texto cantado é: “Chá de notas que me apoquentam” (uma frase da minha autoria).

Rose Roberts

Rose Roberts (n. 2003) é uma compositora cujo trabalho convida ouvintes e intérpretes a conectarem-se com a nossa humanidade partilhada. O seu trabalho nasce da alegria, do deslumbramento e do fascínio infinito pela música e pela forma como os universos sonoros podem servir como um espaço para as pessoas se reunirem, se colocarem no lugar do outro e celebrarem as suas semelhanças e diferenças. Explora o mundo da música através de múltiplas disciplinas, incluindo o piano, o violoncelo e a performance vocal. Rose ganhou o primeiro prémio em canto lírico e piano no concurso Sette Note Romane, em Roma, Itália, foi duas vezes finalista do ASCAP Morton Gould Young Composers Award, e foi Artista Residente na 15.^a edição do Gravíssimo Festival. As encomendas e colaborações recentes incluem novas obras para os grupos 100 Caminhos, Extended Duo e Camerata Lusa. Alguns projetos atuais incluem: *At the Edge of World*, uma peça para quinteto de metais, escrita para o 100 Caminhos, que comemora o 500.^o aniversário de Luís Vaz de Camões; *Three Young Farmers on Their Way to a Dance*, uma peça escrita para o Extended Duo; *Where the Evergreens Grow*, para tuba, trombone e quarteto de cordas, escrita para Hugo Assunção e Sérgio Carolino, para a 15.^a edição do Gravíssimo Festival; e *Ode to Divertimento*, uma peça escrita para a Camerata Lusa e que responde ao Divertimento em Ré maior, K. 136 de Mozart. Adora cozinhar, passear pela natureza, jogar padel e passar tempo com a família e amigos.

Roar of Hope

Quando surgiu a oportunidade de trabalhar com a incrível Orquestra Gulbenkian no Workshop de Composição para Voz e Orquestra com Sir James MacMillan, desde o princípio senti um impulso para escrever sobre esperança e luz. Não é preciso olhar muito longe para encontrar as sombras sempre presentes de destruição, injustiça e desespero no nosso mundo frágil. Considero que a esperança significa a materialização suprema da nossa humanidade e um testemunho do espírito humano. Em vez de algo passivo ou de uma doce ilusão, acho que a esperança é a força mais forte de todos e que brilha mais intensamente na escuridão. Com isso em mente, escrevi um texto para tentar dar vida a todas as cores, complexidades, altos e baixos desses sentimentos, e música que fizesse o mesmo. Fazer parte deste projeto tem sido um privilégio único e sinto-me absolutamente honrada e grata por poder compartilhar esta peça com todos.

*What do we make of this life?
Where is the cord
that would pull us through the fog?*

*Where is the hand
that watches and preserves
the most fragile of flames
that would be extinguished?*

*We hold fast to what unites us
we dream with courage*

*We dare to rejoice
and become the light
that would keep each other from sinking
crushed by the weight
of a thousand truths*

*We listen
to the roar of hope
billions of voices strong*

and hope

we hope

we love

O que fazemos desta vida?
Onde está o cordão
que nos levaria deste nevoeiro?

Onde está a mão
que vigia e preserva
a mais frágil das chamas
que seria extinta?

Nós apegamo-nos ao que nos une
sonhamos com coragem

Ousamos rejubilar-nos
e tornar-nos a luz
que impediria uns aos outros de afundar
esmagados pelo peso
de mil verdades

Nós ouvimos
ao rugido da esperança
constituído de por milhões de vozes

e esperamos

nós esperamos

nós amamos

David Teixeira da Silva

David Teixeira da Silva (n. 2002) é um compositor, performer e investigador. Natural do Porto, concluiu o mestrado em composição na ESMAE, com nota máxima no recital final, com Rui Penha, após ter concluído a licenciatura, na mesma área e na mesma instituição, com Carlos Azevedo, Dimitris Andrikopoulos e Daniel Moreira. Recebeu encomendas de instituições como Digitópia/ Casa da Música, Projecto DME, Arte no Tempo e Phoebus – Associação de Arte Contemporânea. Recebeu o segundo prémio do Concurso Internacional de Composição de Leiria (2022) e apresentou uma obra no CROMA – Ciclo de Música Contemporânea de Oeiras (2023) e no Aveiro_ Síntese (2026). Foi bolseiro do projeto “Spatial Synth”, tendo apresentado duas obras neste contexto. Peças suas foram interpretadas por vários músicos e ensembles, com destaque especial para solistas do Remix Ensemble (Stephanie Wagner e Victor Pereira), Between Feathers Ensemble, Barcelona Modern Ensemble, Nicholas Reed, Javier Vilceiro-Filgueira, Rita Marques, Sinfónica da ESMAE e Rafaela Oliveira. Realizou formações, masterclasses e workshops com várias personalidades. Enquanto performer, apresenta-se regularmente como músico de eletrónica, tocando em salas como a Casa da Música e a Sonoscopia. De forma a promover a criação e a divulgação de música contemporânea, é um dos fundadores do grupo RUMOR. É professor de Técnicas de Composição e Arranjos, Piano e Práticas de Teclado na RockSchool Porto e está a realizar o Mestrado em Ensino de Música (variante Análise e Técnicas de Composição) na ESMAE/ESE.

e só arder

A peça *e só arder* nasce a partir de um poema de Carlos Poças Falcão (*Preciso de me dedicar inteiramente, de Sombra Silêncio*, ed. Opera Omnia, 2018). A respiração das palavras surge como uma necessidade, um nascer possibilitado a partir de todos os átomos do corpo. A reminiscência do exterior mantém-se apenas dessa forma, como uma incapacidade de o adquirir para a nossa matéria. A necessidade de metamorfose e de um alcance extrínseco é vital para um novo nascer. Procuo, nesta peça, precisamente essa vontade, a de cada nota sair do seu corpo para se alimentar da atmosfera. Cada pequena parcela, respiração, ataque e toque é essencial para adquirir esse novo “fora”.

Preciso de me dedicar inteiramente
à arte de inspirar, levando a atmosfera
a todos os alvéolos, secando-os
por oxigenação e aquecimento,
perfumando-me
na ventilação. Não importa expirar.
O que é preciso é ter os ossos prontos
a erguer-se
e sobretudo (o principal) entrar no fogo
e só arder.

Ana Roque Antunes

Ana Roque Antunes (n. Lisboa, 2000) estudou na ESML, onde completou a Licenciatura em Música (Composição) em 2021 e o Mestrado em Ensino de Música (Composição) em 2023. Durante o seu percurso na ESML, estudou com Carlos Marecos, Jaime Reis e, de forma particular, com o seu mentor, Luís Tinoco. Em 2024, terminou uma pós-graduação em Film Scoring na Academia Nacional Superior de Orquestra, sob orientação de Nuno Dario. As suas obras têm sido apresentadas em todo o país por variados intérpretes, como a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras ou o Euterpe Guitar Duo, e em importantes festivais e salas de concerto nacionais, incluindo o Festival Música Viva, Oculto d’Ajuda, Lisboa Incomum, Museu MAAT e Casa da Música. Tem recebido encomendas de diversas instituições e intérpretes, com destaque para a Antena 2 / RTP (no âmbito do Prémio Jovens Músicos), a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, o Síntese – Grupo de Música Contemporânea e o Maat Saxophone Quartet, responsável pela estreia internacional da sua música. Em 2022, foi distinguida com o Prémio Francisco Martins, pela Orquestra Clássica do Centro, o que resultou na estreia da sua obra orquestral *De Onde Venho*, obra igualmente premiada em 2023 na Mostra Nacional de Jovens Criadores. Nesse mesmo ano, recebeu o Prémio Incentivo à Criação, pelo Teatro Nacional de São Carlos, com a sua primeira peça orquestral, *Magma*. Em 2024, venceu o Concurso Aveiro Jovem Criador (na Categoria de Música) com *Fragmentos*, para guitarra solo.

Paralelamente, desenvolve atividade docente nas áreas de composição e análise musical. Está ainda envolvida noutros projetos musicais, enquanto baixista. O seu processo criativo é profundamente influenciado por um grande interesse por poesia, cinema, artes visuais e performativas, áreas que continuamente inspiram e informam a sua música.

In God Alone

Só em Deus descansa a minha alma.

É a partir deste verso que emana toda a arquitetura musical da obra. A forte carga simbólica do Salmo 62 expande-se nesta peça através de uma ilustração sonora do texto (*word painting*). A voz é espelhada na orquestra, privilegiando-se a cor, a textura e o contraste profundo entre a paz que em Deus se encontra e a natural fragilidade humana.

*In God alone my soul finds rest
(my soul finds rest)
He is my fortress, I will never be shaken
(never be shaken).*

*Rest in God alone, my soul,
for my hope comes from Him.
He is my fortress, I will never be shaken
(I will never be shaken).*

*Trust in Him at all times,
pour out your hearts before Him.
God is our refuge.*

*How long will you threaten a man?
Throw him down like a leaning wall
or a tottering fence?*

*Lies! They delight in lies!
With their mouths they bless,
but inwardly they curse.
Do not set your heart upon them.*

*Trust in Him,
In God alone my soul finds rest
(In God alone my soul finds rest).
In God alone
(In God alone).*

Só em Deus descansa a minha alma
(descansa a minha alma)
Ele é a minha fortaleza, jamais serei derrubado
(jamais serei derrubado).

Descansa em Deus a minha alma,
porque d'Ele vem a minha esperança.
Ele é a minha fortaleza, jamais serei derrubado
(jamais serei derrubado).

Confiem sempre n'Ele,
Abram o vosso coração diante d'Ele.
Deus é o nosso refúgio.

Até quando ameaçarão um homem?
Até o derrubarem como uma parede em ruínas
ou uma cerca vacilante?

Mentira! Eles amam a mentira!
Com a boca abençoam,
mas no íntimo maldizem.
Não lhes entreguem o vosso coração.

Confiem n'Ele,
Só em Deus descansa a minha alma
(Só em Deus descansa a minha alma).
Só em Deus
(Só em Deus).

James MacMillan

James MacMillan é um dos mais bem sucedidos compositores da atualidade. A sua linguagem musical inclui influências da herança escocesa, da fé católica, da consciência social e da forte ligação com a música celta, destacando-se pela sua vibração rítmica e poderosa comunicação emocional. O reconhecimento internacional consolidou-se após o sucesso da obra *The Confession of Isobel Gowdie*, nos *BBC Proms*, em 1990. A sua prolífica produção tem sido apresentada em todo o mundo e as suas principais obras incluem o concerto para percussão *Veni, Veni, Emmanuel*, um Concerto para Violoncelo (para Mstislav Rostropovich) e cinco Sinfonias. Mais recentemente, destacam-se o Concerto para Percussão n.º 2, o Concerto para Violino n.º 2 e a Sinfonia n.º 5, escrita para o grupo *The Sixteen*. Várias novas obras para coro e orquestra foram estreadas nas últimas temporadas, incluindo a *Oratória de Natal*, estreada pela Orquestra Filarmónica de Londres em 2021, e *Timotheus, Bacchus and Cecilia*, estreada pela Sinfónica de Cincinnati em 2023. Mais recentemente, um novo Concerto para Orquestra foi encomendado em conjunto pela Sinfónica de Londres, a Sinfónica de Melbourne, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Filarmónica de Auckland e a Sinfónica de Singapura. MacMillan prossegue também uma carreira de sucesso como maestro da sua própria música, bem como de um repertório variado de obras clássicas e contemporâneas. Foi Maestro Convidado Principal da *Nederlands Radio Kamer Filharmonie* e compositor e maestro da *BBC Philharmonic*. Em 2014, fundou o festival de música *The Cumnock Tryst*, que tem lugar anualmente em Ayrshire. James MacMillan foi condecorado *Commander of the Order of the British Empire* em 2004 e recebeu o título de Cavaleiro em 2015. Foi nomeado membro da *Ivors Academy* em 2024 e agraciado com a Medalha do Rei para a Música em 2025.

Cecília Rodrigues

Cecília Rodrigues foi premiada em vários concursos, com destaque para o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Almada (2015) e para o 1.º Prémio de Canto no Prémio Jovens Músicos - Antena 2 (2017).

No domínio da oratória, foi solista em várias obras, incluindo *Stabat Mater* de Pergolesi, *Magnificat* de J. S. Bach, *Mattutino de' Morti* de David Perez, *Exsultate Jubilate* e Missa em Dó menor de W. A. Mozart, Missa em Lá e Missa em Si bemol de Francisco Sá Noronha, *Oratória de Natal* de Saint-Saëns, *Requiem* de Fauré, *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Mansurian e *Magnificat em Talha Dourada* de Eurico Carrapatoso. Apresentou-se em recitais, com o maestro João Paulo Santos, no Palácio da Pena, na Fundação Gulbenkian e no Teatro Nacional de São Carlos. Em concerto sinfónico estreou *Linhagem* de Eurico Carrapatoso. Nos palcos de ópera, interpretou: Rosina, em *O barbeiro de Sevilha* de Rossini, na Escola Superior de Música de Lisboa (2018); Euridice, em *Orphée aux Enfers* de Offenbach, em Maputo (2019); Stéphano, em *Romeu e Julieta* de Gounod, sob a direção de Lorenzo Viotti (2019); 2.ª Pastora, 1.ª Bruxa, 2.ª Mulher e 2.ª Nereida, em *Dido e Eneias* de Purcell (2020), sob a direção de Maxim Emelyanychev, na Fundação Gulbenkian. Interpretou também o papel de Moço de cozinha, em *Rusalka* de Dvořák, no Teatro Nacional de São Carlos, sob a direção de Graeme Jenkins (2021).

Andrea Conangla

Soprano, curadora, compositora improvisadora e encenadora, Andrea Conangla é reconhecida pela sua excecional agilidade vocal, presença cénica distintiva e sensibilidade musical. A sua agenda artística reflete uma visão coerente e inconfundivelmente pessoal que abrange a interpretação historicamente informada, a ópera contemporânea desafiante e projetos colaborativos multidisciplinares. Apresentou-se com a Orquestra Filarmónica de Munique, a Ópera de Estugarda, o Théâtre Royal de la Monnaie, o SOND'Arte Electric Ensemble e o Aleph Guitar Quartet, atuando em importantes palcos por toda a Europa. O contacto direto com compositores como Helmut Lachenmann, Martin Schüttler, Jennifer Walshe, Bernhard Lang, Miguel Azguime e Sara Glojnarić moldou profundamente a sua visão artística e incentivou-a a trazer as suas próprias questões para o palco – o seu álbum de estreia a solo, *Autopsychografia*, com canções modernas a partir de textos do poeta português Fernando Pessoa, foi lançado em abril de 2024. Entre 2020 e 2023, lecionou improvisação vocal na Staatliche Hochschule für Musik Trossingen.

André Henriques

André Henriques diplomou-se em Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, com António Wagner Diniz, e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian no Royal Welsh College of Music and Drama, em Cardiff, com Donald Maxwell. De entre os vários projetos em que participou, destacam-se: o papel de Macaco, em *A Canção do Bandido* de Nuno Côrte-Real, numa coprodução entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro da Trindade; o papel principal de *Don Giovanni* de Mozart, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa; *A Criação* de J. Haydn, na Fundação Gulbenkian; Don Alvaro, em *Il Viaggio a Reims* de G. Rossini, no Centro Cultural de Belém; Officer, em *The Penal Colony* de P. Glass, no Teatro São Luiz; Marcos Portugal, em *Mautempo em Portugal* de Eurico Carrapatoso, com a Associação Setúbal Voz; Enfermeiro Peres, em *Rigor Mortis* de Francisco Lima da Silva, e Papageno, em *A flauta mágica*, no Operafest Lisboa; Onofre, em *Maria da Fonte* de Augusto Machado, Danilo, em *A Viúva Alegre* de Franz Lehár, e Lavrador, na *Trilogia das Barcas* de Joly Braga Santos, com o Teatro Nacional de São Carlos; e Marechal Beresford, em *Felizmente Há Luar* de Alexandre Delgado, com a Orquestra Filarmónica Portuguesa. Com a Ópera Rara, gravou os papéis de Fulvio e Lucio, em *L'Esule di Roma* de Gaetano Donizetti. Em recital, cantou a *Viagem de Inverno* de Franz Schubert e a *Suite sobre Poemas de Michelangelo* de Dmitri Chostakovitch, com Nuno Vieira de Almeida. No contexto do ciclo de recitais *Um Cancioneiro Português*, interpretou canções sobre poemas de Camões, com João Paulo Santos.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Maria Balbi CONCERTINO
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR
Vicente Sobral 2.º CONCERTINO AUXILIAR
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
João Castro*
Juan Maggiorani*
Natália Ribeiro*
Xavier Pereira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA
Zachary Spontak 1.º SOLISTA
Piotr Rachwał 2.º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Sara Llano*
Margarida Queirós*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA
Lu Zheng 1.º SOLISTA
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º SOLISTA
Raquel Reis 2.º SOLISTA
Jeremy Lake
Leonor Moniz*
Ester Santos*
Pedro Massarrão*
Angela Escauriaza*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1.º SOLISTA

Manuel Rêgo 2.º SOLISTA

Marine Triolet

Mário Ferreira*

Maria Leonor Calado*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º SOLISTA

Sónia Pais 1.º SOLISTA

Amalia Tortajada 2.º SOLISTA

Natália Monteiro 2.º SOLISTA*

Leonardo Coelho 2.º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º SOLISTA

Nelson Alves 1.º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2.º SOLISTA | CORNE INGLÊS

Carla Pereira 2.º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º SOLISTA

Telmo Costa 1.º SOLISTA

José María Mosqueda 2.º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2.º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º SOLISTA

Vera Dias 1.º SOLISTA

Raquel Saraiva 2.º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

Francisco Viegas 2.º SOLISTA*

Sofia Fernandes 2.º SOLISTA*

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º SOLISTA

Hugo Pascoal 1.º SOLISTA*

Hugo Dias 1.º SOLISTA*

Pedro Fernandes 2.º SOLISTA

Antonia Chandler 2.º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1.º SOLISTA

José Pedro Pereira 2.º SOLISTA

Ricardo Vitorino 2.º SOLISTA*

Davide Lopes 2.º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º SOLISTA

Rui Fernandes 2.º SOLISTA

Tomé Correia 1.º SOLISTA | TROMBONE BAIXO*

Thierry Redondo 2.º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º SOLISTA

Elmano Pereira 1.º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º SOLISTA

Tatiana Almeida 2.º SOLISTA*

HARPA

Rebeca Csalog 1.º SOLISTA*

PIANO

Bernardo Marques 1.º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

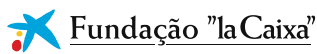
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

